

# Festas populares em Lisboa: uma etnografia a partir do Bairro Alto

---

*Heitor Frúgoli Jr.*

---

As festas populares lisboetas de junho contam com a participação de muitas associações de bairro. Nesse período ocorrem eventos em que várias representações são acionadas, com destaque ao imaginário dos bairros populares. Apresento aspectos substanciais de uma pesquisa de campo no Bairro Alto, com ênfase nessa temática. Pretende-se elaborar observações feitas ali e em outros espaços de Lisboa, principalmente ao longo dessas festividades, com a reconstituição das interações durante a preparação e performance dos representantes locais nas marchas populares de 2011. Trata-se de enfrentar significados que tais vivências adquirem ali, dado que o lugar possui facetas populares, embora também seja assinalado por uma intensa vida noturna que lhe acarreta uma série de representações “externas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** bairro, festas, marchas populares, redes de relação, representação, performance.

**June festivities in Lisbon: an ethnography centred in Bairro Alto** ♦ Many neighbourhood associations participate in the popular festivities organized in Lisbon every June. The events of that period activate representations of different kinds, including those related to the imagination of popular urban neighbourhoods. The article emphasizes this aspect drawing on fieldwork carried out in Bairro Alto. Observation and interaction in this and other areas in Lisbon, mainly during the preparation for the festivities of 2011 and the contest shows where local representatives from each neighbourhood perform, lead to the interrogation of the meanings of such experiences in a place with a popular dimension but simultaneously associated to an intense night life that generates different “external” representations.

**KEYWORDS:** neighbourhood, festivities, popular marches, relationships, representation, performance.

---

FRÚGOLI JR., Heitor (hfrugoli@uol.com.br) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, Brasil.

NA PRESENTE PESQUISA SOBRE O BAIRRO ALTO, LOCALIZADO NA ÁREA central de Lisboa e dotado de uma significativa densidade de usos, busco enfrentar através da antropologia o próprio conceito de bairro – marcado por planos e escalas distintos, fronteiras fluidas e alvo de múltiplas representações (conforme os atores sociais, instituições, situações e interesses políticos em jogo), sem falar das diferenciações decorrentes do recorte disciplinar adotado (Cordeiro e Costa 1999; Agier 1999; Authier, Bacqué e Guérin-Pace 2006; Vidal 2009; Frúgoli Jr. 2009).<sup>1</sup> Trata-se basicamente de reconstituir um bairro do ponto de vista etnográfico, evitando tomá-lo como um contexto *a priori*.

Dada a ênfase na reconstituição de várias redes de relação que de certa forma se condensam no bairro em questão, abordarei aquelas que articulam o Bairro Alto às marchas populares de junho, regulamentadas por um concurso municipal que abrange todas as associações de bairro lisboetas que nele concorrem, momento em que diversas representações locais sobre os bairros populares são acionadas. Tal tema, já estudado por outros autores (Carvalho *et al.* 1991; Costa 1991, 1999; Cordeiro 1997), permite um olhar sobre as especificidades de tais dinâmicas no presente contexto.

A historiografia define o ano de 1513 como data do surgimento do Bairro Alto (tanto que a comemoração de seus 500 anos ocorreu em dezembro de 2013), embora o início do bairro já conste em documento assinado em 1498, no qual Luís de Atouguia autoriza a Bartolomeu de Andrade a abertura de uma rua junto às Portas de Santa Catarina, do que se chamaria inicialmente Vila Nova de Andrade (Carita 2006: 20-22). O Bairro Alto caracterizou-se, ao longo de sua história, por certa boêmia, mais visível a partir de meados do século XIX, na associação com o fado, a prostituição e a marginalidade. Durante o século XIX, tornou-se também um ponto assinalável da imprensa local, tendo nele sido localizadas as redações dos principais jornais lisboetas. Nos anos de 1980, o Bairro Alto viveu um período significativo, quando, de um modo geral, desdobramentos da Revolução dos Cravos (1974) estimularam mudanças em costumes e atitudes na cidade de Lisboa. Naqueles anos, o bairro serviu como foco central para a “movida lisboeta”, inspirada no movimento espanhol,

1 Versão modificada do texto apresentado no grupo de trabalho (GT) “Etnografias urbanas: fronteiras e diversidades”, na 28.<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia (RBA, julho de 2012, São Paulo). O artigo reconstitui parte da pesquisa feita entre março e julho de 2011, com bolsa de pesquisa no exterior da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), mas também se vale de idas pontuais anteriores propiciadas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), por minha inserção na Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos. Meus agradecimentos sinceros a todos os sujeitos da pesquisa, principalmente àqueles ligados ao Lisboa Clube Rio de Janeiro, bem como à supervisão generosa de Graça Cordeiro, do Instituto Universitário de Lisboa (além da leitura desse texto para a apresentação na RBA), à leitura e comentários de João Pedro Nunes, às indagações dos colegas ligados ao já mencionado GT, especialmente José Guilherme Magnani e Alexandre Pereira, aos comentários críticos dos pareceristas da *Etnográfica* e, por fim, à infraestrutura oferecida pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) quando da minha estada em Lisboa.

“la movida madrileña” (pós-franquista). Mais ao final do século XX, acirrou-se certo contraponto entre moradores – na maioria idosos (principalmente senhoras), protegidos por leis de congelamento das “rendas” (aluguéis) e que vivem em edifícios envelhecidos e com pouquíssimos investimentos de melhoria – e uma grande variedade de frequentadores noturnos, quando o local se torna um dos pontos mais lotados e movimentados da cidade (Carita 1994; Pais 2008 [1985]; Dias 1994; Frúgoli Jr. 2013).

Trata-se portanto de um bairro também assinalado por uma dimensão popular – ligada a moradores locais, e acionada coletivamente nos festejos de junho –, ainda que seja, simultaneamente, visto cada vez mais como um bairro boêmio frequentado por uma multidão de pessoas (de Lisboa, arredores, outras cidades e outros países), cujas representações resignificariam ou extrapolariam a primeira dimensão:

“O Bairro Alto é frequentado à noite por pessoas que vêm de fora e não dispensam um certo ambiente urbano para conviverem e terem um espaço de experiência lúdica noturna. Mas elas interferem com os residentes, que gostariam, de forma talvez um tanto ambivalente, de ter um bairro mais tranquilo, mas também de usufruir, direta ou indiretamente, das fontes de rendimento geradas localmente pelas atividades de lazer cosmopolitas. Uma das características da cidade é precisamente isso: há sempre uma grande sobreposição de diferentes populações, com diferentes interesses, com diferentes lógicas” (António Firmino da Costa, em Costa, Brito e Ferreira 1994: 158).

O trecho a seguir, por sua vez, sintetiza potencialidades dos estudos sobre bairros populares lisboetas:

“Tais bairros participam de um complexo processo de construção cultural do *popular* urbano que teve lugar ao longo do século XX, estabelecendo associações de imagens e significados cruzados entre certos bairros (Alfama, Madragoa, Castelo, Mouraria, Alcântara, Bica, Bairro Alto), certas atividades profissionais (varinas,<sup>2</sup> pescadores, aguadeiros,<sup>3</sup> criadas, lavadeiras, marinheiros, fadistas), certas performances festivas e lúdicas (bailes, arraiais,

2 Mulheres que no passado vendiam peixes nas ruas, inicialmente chamadas de ovarinas – porque oriundas da região de Ovar, pequena cidade litorânea que sempre viveu da pesca (ver Cordeiro 2001).

3 Pessoas que no passado comercializavam água captada em chafarizes, prática importante quando da ausência de redes públicas urbanas de distribuição de água. Nas marchas populares, tal figura leva água para os marchantes durante os desfiles, mas também auxilia em outras tarefas, tais como “colocar e retirar os adereços necessários à execução das coreografias”, “recolher todos os objetos ou peças do guarda-roupa” e “desprender os arcos e auxiliar os marchantes em caso de incidente ou acidente na execução das coreografias” (CML 2004).

desfiles, jogos e concursos) e certas sonoridades (fado, marcha, danças). Tais elementos, em conjunto, contribuiriam para a criação de uma visão de mundo peculiar, parte integrante de um certo imaginário urbano, revelador de uma cidade *popular e histórica*” (Cordeiro 2003: 186, grifos da autora).

As festas dos chamados santos populares – Santo António, São João e São Pedro<sup>4</sup> –, organizadas e financiadas pelo governo local<sup>5</sup> em parceria com várias associações de bairro,<sup>6</sup> constituem, portanto, um período particularmente propício para a compreensão de determinados significados ligados à noção de bairro em Lisboa.

Sem pretender aqui uma reconstituição histórica – ainda mais porque as festas de Lisboa atualizariam tradições medievais –, cabe mencionar uma reflexão (Carvalho *et al.* 1991) sobre as origens e características centrais das marchas populares, que na década de 1930 teriam ocorrido sob um modelo que ainda hoje persiste, com pequenas modificações (Cordeiro 2003: 191). Tal realização, em 1932, já representava a afirmação de uma “identidade popular” e “bairrista”, e embora tenha sido organizada pelo Estado Novo salazarista, foi a partir daí apropriada de forma recorrente pela população (Carvalho 1991: 42-44). Entendidas como o *ritual nuclear* das festas populares, as marchas conteriam<sup>7</sup> aspectos do desfile carnavalesco, da parada militar e da procissão religiosa (Costa 1991: 56 e 59-60).<sup>8</sup> As marchas ocorrem no Pavilhão Atlântico e, posteriormente, na Avenida da Liberdade, a última sempre na noite de 12 de junho (véspera de dia de Santo António, feriado municipal de Lisboa), sendo ambas as performances avaliadas pelo júri.

Cabe ainda constar que há, nas festas populares de junho em Lisboa, uma série de atividades para além das já mencionadas, voltadas à ampliação tanto dos agentes culturais participantes quanto da própria participação dos habitantes. Para Ruben de Carvalho, um dos participantes da já mencionada

4 Com nítido destaque ao primeiro, santo padroeiro (não oficial) de Lisboa e casamenteiro (*vide* o ritual de casamentos coletivos que integra as festas, bem como o desfile de casais nas marchas), além da procissão a Santo António que ocorre em Alfama no dia posterior às marchas (que acompanhei detidamente em 2008).

5 Através da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), tutelada pela Câmara Municipal de Lisboa, responsável, a partir de 1996 (inicialmente sob o nome Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa, EBAHL), pela programação cultural das Festas de Lisboa (ver <<http://www.egeac.pt/history.php>>, último acesso em fevereiro de 2014).

6 Cada associação de bairro que participou das marchas de 2011 recebeu (segundo informações de marchantes) um subsídio de 30 mil euros. Em 2012, frente à crise econômica, a Câmara de Lisboa cortou 10% do mesmo, com um gasto total de 594 mil, ao invés dos 660 mil anteriores (Chambel 2012).

7 Em diálogo com DaMatta (1978).

8 Foi possível acompanhar os festejos carnavalescos de Lisboa de março de 2011, sobretudo os que ocorrem na terça de Carnaval no Rossio e região e, pelo que pude observar, com certos traços luso-brasileiros.

comissão consultiva para as festas lisboetas (Carvalho *et al.* 1991) e também vereador na Câmara Municipal de Lisboa, com responsabilidades na área da cultura, trata-se da

“ideia de uma cidade em festa e não apenas uma cidade com espetáculos [...] Este envolvimento está muito mais próximo da concepção mais rica (se se quiser, antropológicamente mais exata) da festa, que tem como protagonistas a própria cidade e os seus habitantes e não da que daquela faz puro cenário e destes puros espectadores [...]. O público de Lisboa, diz António Pinto Ribeiro, é um público que reflete a própria cidade: um poder de compra baixo, uma reduzida população ativa e um potencial de atração que não chega às 500 mil pessoas” (Costa e Santos 2011).

Tal concepção tem levado à incorporação de uma multiplicidade de eventos, vários deles de caráter moderno e contemporâneo (EGEAC 2011a), alguns dos quais observados em 2011, o que permitiu perceber efeitos e repercussões por muitos espaços da cidade, como a própria abertura: uma coreografia aérea da Companhia Puja, espanhola, na Praça do Comércio, seguida pela performance percussionista da Dadadang Percussion Group, italiana, em direção ao Rossio, a essa altura totalmente coberto por uma “teia urbana”, de tecido amarelo, concebida pelo artista plástico italiano Donato Sartori, que, jogada gradativamente sobre o público, propiciou uma série de intervenções nesta – fotografavam, dançavam sob a mesma, enrolavam-se nos fios, ao mesmo tempo que a dissolviam;<sup>9</sup> várias exposições fotográficas, individuais e coletivas, com artistas portugueses e estrangeiros, realizadas em espaços públicos emblemáticos da cidade, tomados como suporte das mesmas; performances que se valem dos equipamentos urbanos, como a realizada pela companhia argentina Escena Subterrânea (Teatro a Metro) (EGEAC 2011a: 21), cujos atores interagem com a plateia ao longo de várias estações do metro de Lisboa (incluindo cidadãos que adentram tais vagões, sem conhecimento prévio da ação).

#### ETNOGRAFIA DAS MARCHAS POPULARES

Frisada a abrangência em múltiplos sentidos das festas populares lisboetas, passemos ao ponto de partida etnográfico dessa investigação. Em minha segunda ida de campo a Lisboa (2008), cheguei à cidade a tempo de acompanhar o desfile das marchas populares na Avenida da Liberdade a partir do fim daquela tarde. Naquele dia eu lera, ao percorrer os jornais disponíveis, uma matéria sobre os bastidores das marchas que abordava um “bairrista veterano”,

9 E que teve ampla repercussão local (ver jornal *Público*, 02/06/2011; Soares e Costa 2011; Costa e Santos 2011).

o senhor Celestino Nelson Pinto (Padrão 2008: 24). Ele era então porta-estandarte do [Lisboa] Clube Rio de Janeiro, e nessa entrevista contava ser conhecido em todo o bairro e que completava 43 anos de participação nas marchas. Sua mãe, quando grávida dele, desfilou na marcha de 1942, à revelia do esposo. Segundo ele, antigamente “os arcos eram muito simples, com enfeites de papel e velas. Às vezes aquilo pegava fogo e tinham de vir os bombeiros apagá-los. Agora os arcos levam muitas coisas e luzes com pilhas”. Sobre o Bairro Alto, comentou que “era mais calmo e podia-se sair à vontade à noite, até mesmo uma senhora sozinha. Agora é perigoso. À sexta-feira e ao sábado à noite é um bocado bera”<sup>10</sup> (Padrão 2008: 24).

Não tive dificuldade de encontrá-lo dias depois pelas ruas do Bairro Alto, por ele frequentar vários locais e circular bastante por suas ruas e entorno para o transporte de objetos (gelo, bebidas, frutas, papéis, recados, etc.) a vários bares e restaurantes, que o ajudam a complementar o pagamento da reforma. Bastante conhecido ali, inclusive por muitos jovens, ele na época possibilitou-me um conhecimento inicial das marchas populares – ao contar-me das suas relações com o Lisboa Clube Rio de Janeiro (mais conhecido ali como Rio de Janeiro), associação comunitária que eu já havia contatado um ano antes, que dentre suas atividades é responsável pela organização das marchas que representam o Bairro Alto –, bem como do próprio Bairro,<sup>11</sup> dado seu vasto campo de relações. Se isso foi apreensível em rápidos passeios com ele, quando isso era possível, ou mesmo por encontrá-lo em diversas situações observadas, tal densidade parece se expandir para outros bairros populares, quando Nelson se refere às marchas: “... na Madragoa, Bica, Alfama, Alto do Pina, Graça, Benfica, todos esses conhecem o Nelson”, “... todas as marchas de Lisboa gostam muito de mim”, princípio que se estenderia até ao presidente da Câmara Municipal, por o mesmo ter sido, segundo ele, criado no Bairro Alto. Ele também fez menções especiais à música “Fidalgo e fanfarrão” – composta em 1953, que constitui a canção entoada todo ano nas marchas em adição às duas inéditas anuais – e ao tema dos Capotes Brancos (das marchas de 1965) – em referência à guarda pessoal do Marquês de Pombal, que por vezes enfrentava os Capotes Negros (ligados a Dom Francisco) nas ruas do Bairro Alto do século XVIII.

Pode-se dizer que a primeira observação mais detida do desfile das marchas, em 2008, ainda não poderia ser considerada propriamente “de dentro”. Nesse artigo retomarei alguns detalhes, sem pretender uma reconstituição exaustiva. Sentei-me inicialmente numa das arquibancadas, e interagi aleatoriamente com várias pessoas, algumas delas brasileiras, sem que isso tenha sido uma procura deliberada. Uma senhora portuguesa contou que comparece a vários arraiais durante as festas, que estariam como que interligados pelas

10 Falso ou de qualidade duvidosa.

11 Muitos chamam o Bairro Alto apenas de Bairro.

andanças de muitos frequentadores, e reclamava do aumento do preço das sardinhas assadas (cuja fumaça fazia-se presente ao longo da avenida, sem falar dos arraiais que depois visitei). Uma moça, que se apresentou como sobrinha do fadista Fernando Maurício e em cujo cachecol lia-se “Força Mouraria”, afirmava torcer por tal bairro, embora já o tenha feito por Alfama; ao explicar suas preferências, surgiam critérios ligados a relações de parentesco, local de residência e trajetória residencial. Um pouco mais tarde, postei-me na calçada, e prossegui nas interações. Francisco e Kenya, um casal de brasileiros (de Fortaleza), então há sete anos em Lisboa, auxiliaram-me a identificar, na marcha infantil que abre o desfile, as menções a figuras populares, como os ardinias<sup>12</sup> e os calceteiros, bem como “padrinhos” dos bairros, papel em geral assumido por pessoas ligadas à mídia. À medida que o desfile transcorria, aumentava a quantidade de pessoas. Francisco então comentou: “Isso aqui está que nem forró: se você tira o pé do chão, não consegue pôr de volta...” O Bairro Alto se apresentou depois da meia-noite, com o tema “Fado, suas casas e seus fadistas”, visível nas duas marchas inéditas – “Bairro Alto, marchando no fado” e “Bairro Alto, fado à luz de velas” –,<sup>13</sup> nos trajes, coreografia, arcos, etc. Após a apresentação, voltei ao hotel, próximo dali, a tempo de assistir à mesma apresentação, então para o júri, momento em que a apresentadora da TV referia-se ao Bairro Alto como local de “poetas, fadistas, jornalistas, intelectuais”, um “bairro flutuante”, “pós-moderno”... No dia seguinte, foi divulgada como vencedora a marcha de Marvila, tendo Alfama (costumeiramente vencedora ou muito bem colocada) obtido o segundo lugar. O Bairro Alto, que jamais venceu uma marcha, embora tenha sido um dos três bairros a participar da primeira, em 1932 (Carvalho 1991: 46), conseguiu então a oitava colocação, dentre os vinte concorrentes.

Na mesma época foi possível conhecer um pouco mais o Lisboa Clube Rio de Janeiro, situado no primeiro andar de um sobrado da Rua da Atalaia, voltado à promoção de diversas atividades (futebol, futsal, capoeira, forró, roda de choro, ginástica para terceira idade, ou mesmo acesso à TV, principalmente à transmissão de jogos de futebol, além da organização das já mencionadas marchas populares), cuja frequência abrange também residentes de outros bairros. Naquele momento o conflito já mencionado entre moradores e frequentadores noturnos – que iria culminar na promulgação de uma lei que restringiria o horário do funcionamento dos bares, cuja eficácia posterior revelou-se incerta – fez com que boa parte da conversa com seus representantes girasse em torno da defesa do bairro contra a falta de respeito, o vandalismo,

12 Ardinias eram os que vendiam jornais pelas ruas, geralmente crianças (há uma estátua de um no miradouro de São Pedro de Alcântara, próximo ao Bairro Alto, em menção aos diversos jornais ali existentes no passado).

13 Ver mais detalhes em EGEAC (2008: 24-25).

a invasão de estrangeiros, de brasileiros, os bares ilegais que barateiam bebidas alcoólicas, as ações de traficantes e as intervenções de grafiteiros.<sup>14</sup> Com relação aos temas mais ligados ao presente artigo, Fernando Pereira afirmou que o Bairro Alto “tem uma população muito flutuante, e não tem a ver com outros bairros populares – Mouraria, Alfama, Madragoa, Castelo, Bica ou Alcântara – quanto à popularidade ou bairrismo desses últimos, pois a maioria nasce, vive e morre lá, enquanto que aqui, não é que aqui não haja bairrismo, mas se lá isso abrange 90%, se aqui tivermos 40%, será muito”. As marchas populares envolveriam por volta de 80 pessoas (48 marchantes, dois pares de suplentes, dois pares de mascotes, 12 músicos, etc.), “alguns deles moradores, outros não”. Isso a princípio difere de bairros cuja convivência envolveria redes mais consolidadas de vizinhança – em que talvez Alfama seja a principal referência (Costa 1999, 2002; Cordeiro e Costa 1999) – ou onde certas associações teriam maior diálogo com a população local – como no caso da Bica (Cordeiro 1997, 2003).

Em meu retorno em 2011, para uma permanência mais duradoura, uma das intenções era observar os preparativos para as marchas, a fim de me aprofundar nos temas anteriormente relatados. Já nos primeiros dias tive a oportunidade de encontrar o Sr. Nelson numa adegas da Rua da Barroca, cujo dono e alguns frequentadores eu já havia contatado em 2007. Felizmente tive uma receptividade muito significativa, não só por parte dele, mas de vários ali presentes, que se prolongou ao longo do tempo, tendo se tornado um dos meus locais de frequência regular, com um rico aprendizado sobre um espaço de sociabilidade masculina e popular, cujas interações abriram-me para outras facetas do cotidiano do bairro.<sup>15</sup>

Quando falei ao Sr. Nelson de meu interesse pelas marchas, ele sugeriu que eu fosse a um ensaio noturno, que naquele período ainda ocorria na própria sede do Rio de Janeiro. Isso, entretanto, não se desdobrou como o esperado. Na data combinada, me apresentei a Hugo Barros (ensaiador, coreógrafo e figurinista da marcha do Bairro Alto) que, pelo que entendi depois, ensaiava naquele período o canto com os marchantes. Eu precisaria, no entanto, da permissão do presidente, que estava em reunião. Apesar da boa vontade das pessoas que atendiam no bar do clube, não consegui então contatá-lo, nem posteriormente, e entendi que talvez houvesse restrições que deveriam ser respeitadas. Uma das hipóteses é que tal preparação envolve aspectos que precisam ser resguardados do conhecimento público, mesmo que eu tivesse a indicação do Sr. Nelson.

14 Ver mais detalhes em Frúgoli Jr. (2013).

15 Ver mais aspectos em Frúgoli Jr. (2013); para uma abordagem sobre interações predominantemente masculinas na rua de um bairro da área periférica de Lisboa, em torno de um jogo de cartas, ver Nunes (2012); sobre significados de masculinidade a partir da etnografia de um café em Pardais (Alentejo), ver Vale de Almeida (2000).

Dediquei-me à pesquisa de outros contextos e situações ligadas ao Bairro Alto, mas não desisti totalmente daquela observação. Em meados de maio, ao encontrar o Sr. Nelson na Rua da Atalaia, perguntei-lhe se havia alguma pessoa que pudesse me auxiliar nas mediações com a direção do clube, e ele sugeriu que eu falasse com Ermelinda, que contatei e a quem contei o que já havia pesquisado até então sobre o bairro, além de deixar claro que não era da imprensa, e que teria uma relação ética com os aspectos observados. Depois de alguns dias, ela contou-me que a direção havia permitido a pesquisa, e compareci a um ensaio já quase ao final de maio, nessa época em andamento numa quadra aos fundos da Igreja de Santa Catarina.

Nessa noite conversei novamente com Hugo, que antes do início do ensaio, na quadra de esportes, a meu pedido, permitiu que eu me apresentasse aos marchantes. Falei muito brevemente da pesquisa e do interesse de conhecer melhor as marchas, tendo sido, para meu embaraço, aplaudido ao final. Hugo brincou dizendo que todos ali já teriam lugar para se hospedar quando fossem a São Paulo. Apesar do clima bastante amistoso, minha interação com os mesmos foi relativamente pontual, pois na maior parte do tempo participavam ativamente dos ensaios, a essa altura diários, já às vésperas dos festejos. Nessa noite apenas os marchantes estavam presentes, além de Hugo e do Sr. Manuel Domingues, que já fora marchante (a primeira vez em 1970) e porta-estandarte. Ele contou-me que muitos marchantes começam como mascotes e deu mais detalhes da já mencionada “Fidalgo e fanfarrão”, música cantada todo o ano, que vencera o prêmio de melhor música em 1953.<sup>16</sup>

A princípio, as marchas mobilizam como participantes uma maioria de residentes dos próprios bairros através de suas associações comunitárias, como mostram pesquisas a respeito (Cordeiro 1997; Costa 1999), bem como o documentário *Gosto de Ti como És*, de Sílvia Firmino (2005), que reconstitui a participação dos residentes da Bica numa marcha popular vencida pelo próprio bairro. Isso de certa forma estava no meu horizonte de indagações quando assisti ao primeiro ensaio dos marchantes do Bairro Alto. Um deles (que trabalha em segurança privada), com quem conversei num intervalo, mora no Bairro Alto<sup>17</sup> e participa há 19 anos das marchas, junto com a esposa – aos 11 anos iniciou-se na marcha infantil, e certa vez ambos pensaram em marchar por Madragoa, mas ainda na Calçada do Combros (próxima ao Bairro Alto), regressaram: “não é nosso bairro...” Segundo ele, mais da metade dos marchantes não é dali, tendo sido posteriormente possível perceber a importância dos

16 Letra de Elvira de Freitas e música de Silva Tavares, cujo refrão é: “Canta, ó Bairro Alto canta!/ Canta e encanta/ Com o teu balão!/ Prova, ó Bairro Alto prova/ Que não há trova/ Sem coração/ Brilha, ó Bairro Alto brilha/ E maravilha de lés a lés/ Passa ó Bairro Alto passa/ Cheio de raça/ Mostrando quem és!” (EGEAC 2008: 25).

17 Num quarto andar e com vidro duplo, embora se queixe do barulho que vem também dos andares de baixo, além de contar que só um conflito muito visível faz com que a polícia venha ao bairro.

contatos com amigos, com amigos de amigos, ou de outros meios (incluindo o Facebook), ou seja, de redes mais ampliadas para compor o número necessário de participantes.

Os ensaios transcorriam num clima de um modo geral amigável, com palpites, sugestões, críticas e alguns momentos de tensão ou atrito, principalmente quando as marcações não eram realizadas conforme o esperado ou o combinado.

Uma semana depois, tais ensaios já contavam com a participação dos músicos (em substituição ao uso do CD), além da presença de um pequeno público, em geral parentes dos marchantes, moradores ou simpatizantes. Como o tema daquele ano era “Histórias, contos e marionetas do Bairro Alto” (cujo segredo foi mantido o máximo possível), já havia na quadra os arcos bem como parte dos trajes inspirados na temática. Era comum ouvir piadas com outros bairros na plateia, e naquela noite a mãe de uma marchante (e moradora do Bairro) contou-me até de uma universitária brasileira que havia acompanhado as marchas com muito interesse. Brincou ao final pedindo que eu visse atentamente os desfiles no pavilhão e que os divulgasse amplamente aos brasileiros.

No meu retorno para casa, encontrei no metro um rapaz de 20 anos que participava dos ensaios. Ele havia perdido um euro numa máquina de chocolate e estava bastante irritado. Tomamos o mesmo comboio, e como vi que ele estava com fome, propus pagar-lhe um sanduíche. Ele sugeriu que parássemos num quiosque do Campo Grande, e pulou a catraca tanto na ida quanto na volta. Contou-me que trabalhava numa loja há um ano, que tinha quatro irmãos (o caçula é de outro pai), e mostrou-me um ferimento no antebraço que adquirira numa briga para impedir que “dois negros” o assaltassem na Quinta das Conchas – “dá o boné, o celular e o dinheiro!”, disseram. Ele havia entrado nos ensaios do Bairro Alto a pedido de dois amigos e uma ex-namorada (que parece ter deixado tais ensaios porque constatou que seria apenas suplente). Admitiu que amigos do bairro onde mora (Lumiar) o criticam por essa participação, mas ele discorda. Disse também que os ensaios às vezes ficam tensos quando alguém erra, e que faltaria mais colaboração. No ensaio logo após o desfile no pavilhão, vimo-nos novamente no metro, e nessa ocasião ele improvisou um *rap* que descrevia o modo como encarava o meu próprio trabalho, que infelizmente não tenho como reconstituir,<sup>18</sup> e também falou dos cuidados necessários com os trajes. Curiosamente esse rapaz, apelidado ali de “Janela” por causa de uma banguela, causou irritação pela ausência súbita no dia do desfile na avenida, tendo decidido viajar ao Algarve para comemorar o aniversário, e o próprio Hugo teve que atuar como marchante.

18 Para ouvi-lo cantar *rap*, ver Freestyle Papi, <<http://www.youtube.com/watch?v=jjjCiLcsYKo>> (último acesso em fevereiro de 2014).

No dia 4 de junho assisti à apresentação do Bairro Alto no Pavilhão Atlântico.<sup>19</sup> Pessoas da plateia ligadas a bairros específicos eram rapidamente identificáveis por usar camisas – como Penha de França (negras, com losangos brancos), Santa Engrácia (brancas, com escritos em azul escuro e apoio da Junta de Freguesia), Mouraria (vermelho, com escritos em amarelo) –, faixas no próprio corpo (Santa Engrácia) ou faixas maiores – “O fado da Graça é tradição, marchamos com alma e orgulho”, “Força Carnide” –, sem falar da presença espalhada dos próprios marchantes pelas arquibancadas (depois das respectivas apresentações). Interessante que as torcidas não são necessariamente exclusivas: por vezes se aplaude outros bairros ou então pessoas específicas de outro bairro. Demorei um pouco para identificar aqueles ligados ao Bairro Alto, mas aos poucos reconheci alguns rostos, com quem eu já conversara ou que vira nos ensaios ou no Clube Rio de Janeiro, até perceber que uma parcela usava uma camisa azul claro com o Bairro Alto escrito em amarelo dourado. Um pouco antes da apresentação, todos rumaram para uma área da arquibancada bem próxima à quadra, e daí configurou-se uma torcida mais visível, com palmas, gritos e refrões (“Ié, ié, ié, o Bairro Alto é que é!”),<sup>20</sup> que foram seguidos pela cantoria coletiva de “Fidalgo e fanfarrão”, de “Fado, de Lisboa para o mundo”<sup>21</sup> e de “Presos por um fio” e “Marcha das marionetas” (marchas inéditas).<sup>22</sup>

Dias depois fui a um novo ensaio, com vistas ao desfile na Avenida da Liberdade. Foi quando descobri que havia perdido a “Volta ao Bairro”, prevista no cronograma, mas cujo significado eu não captara: trata-se de uma apresentação que os marchantes realizam nas ruas do Bairro Alto, sobretudo para angariar fundos junto a frequentadores, comerciantes ou moradores, na qual por volta de 100 euros foram obtidos, o que representa pouco em comparação a outros anos (em que chegaram a conseguir até 600 euros). Uma marchante enfatizou que o ator brasileiro Alexandre Borges chegou a acompanhar por um tempo

19 Dividida em três dias, tendo o Bairro Alto desfilado no sábado, junto com Mercados (extra-concurso), Mouraria, Penha de França, Graça, Carnide, Santa Engrácia e Bica.

20 Cujo refrão é utilizado por torcedores de outros bairros.

21 Essa comum a todas as apresentações, reforçando a candidatura do fado a patrimônio da humanidade (letra: Alexandrina dos Reis Florindo Pereira; música: Artur António Jordão Araújo), cujo refrão é o seguinte: “Até o Santo António/ Reza p’ra ser verdade/ O fado a Património/ De tod’a Humanidade/ Fado é saber olhar/ Um quadro de Malhoa/ Fado também tem lugar/ Nesta Marcha de Lisboa” (EGEAC 2011b: 9).

22 Ambas com letra de Tiago Torres da Silva e música e arranjo musical de Zé Martins, cujos respectivos refrões eram os seguintes: “Marionetas/ Tetrinetas/ Da Severa/ Analfabetas/ Mas com gosto à tradição/ Irrequietas/ Nós sabemos ser discretas/ Porque a alma dos poetas/ Só nos prende o coração” e “Puxa-se um fio/ E então era uma vez/ Num arrepio/ Surge Pedro e surge Inês/ Volto a puxar/ E naquela barafunda/ Vem Baltazar/ Preso à sua Blimunda/ Troco de mão/ E para aumentar a teia/ Um tal Jasão/ Morre de amor por Medeia/ e por fim eu/ Que também sou marioneta/ Trago um Romeu/ Para cada Julieta” (EGEAC 2011b: 21).

a apresentação, bem como vários brasileiros frequentadores do Tação Grande. Nas interações desse dia, vários deles tentavam entender melhor o que eu fazia (em Portugal e no Brasil), e também faziam várias perguntas sobre o Brasil.<sup>23</sup> Uma moça perguntou-me se eu “estava a gostar” da experiência, afirmando que aquilo que eu vivenciava seria raro mesmo para muitos lisboetas; no dia do desfile na avenida, ela contou que, tal como eu, também se sentia um pouco “estrangeira” ali (ela mora no Lumiar),<sup>24</sup> já desfilara por Marvila (em 2008, quando o bairro venceu, como já dito, a competição) e participava pela primeira vez pelo Bairro Alto.

Um pouco depois Hugo chegou e fez no princípio uma breve avaliação do desempenho dos outros bairros no desfile do pavilhão (com argumentações elaboradas quanto ao figurino, coreografia, passos e marcações, músicas, etc.). Embora avaliasse que o desempenho de Alfama estivesse bem acima dos demais, havia certa expectativa com relação à colocação a ser obtida pelo Bairro Alto. Isso guardava relação com os resultados de 2009 e 2010, quando alguns me contaram que o Bairro estivera entre os três ou quatro primeiros. Num breve retrospecto, em 2007 o Bairro Alto ficou em décimo lugar; no ano seguinte, em oitavo; em 2009 obteve a princípio o terceiro lugar (embora correspondesse ao quinto, já que houve dois primeiros colocados, e dois segundos), mas uma contagem posterior reclassificou o bairro em oitavo; em 2010 foi classificado em quarto (embora alguns ali achassem que merecia o terceiro). O tema das marionetas e sua coreografia significavam certa aposta arrojada, que poderia surpreender. Perguntei a um dos marchantes sobre o que ele achava da apresentação no pavilhão, e ele contou que tinham gostado, ainda que não tenha sido perfeito; Alfama de fato havia se apresentado muito bem, embora a mesma às vezes suscite suspeitas, por parte de rivais, sobre uma possível proteção do júri.

Acompanhei a seguir um novo ensaio na quadra da Igreja de Santa Catarina – onde, no entorno, também acontecia um arraial, típico daquele período. Antes do início foi possível conversar um pouco com alguns marchantes. Uma delas contou que participa pela sétima vez, desde os 15 anos, e que isso representa a melhor fase do ano, ainda assim mais cansativa; há de certa forma um grupo constante de participantes, embora em 2011 tenha havido uma renovação maior do que em anos anteriores. Um rapaz afirmou que marcha desde 1996, por 12 anos pelo Alto do Pina, e há dois pelo Bairro Alto. A mãe de Hugo contou que seu filho havia marchado sete anos também pelo Alto do Pina (nos ensaios ela era às vezes provocada jocosamente por esse histórico), e agora ele estava no Bairro Alto (como ensaiador) há seis anos.

23 Várias indagações referiam-se ao Rio de Janeiro, como o Carnaval, o Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais do Estado do Rio de Janeiro), os costumes mais liberais se comparados aos portugueses, etc.

24 Não deu para saber se ela marchara por tal bairro, que fora rebaixado no ano anterior.

No dia do desfile na Avenida da Liberdade, foi possível uma observação prolongada e intensificada. Embora não seja o único dia de pontuação (isso também ocorre no desfile do pavilhão), há nessa ocasião uma forte expectativa, que pude acompanhar de forma bastante detida. A convite de um dos atendentes do Rio de Janeiro, dirigi-me para o clube por volta das 15h, quando alguns já começavam aos poucos a se preparar (roupas, adereços, pinturas corporais com *spray*, etc.). Um deles, morador do Bairro Alto, fez questão de pagar-me três cervejas – uma gentileza recorrente entre os frequentadores, e que buscava retribuir sempre que possível. Um primo dele que morava na Bica tivera uma briga com “pretos”; ele “quebrou” um, todavia mais tarde eles voltaram e ameaçaram invadir a casa dele, o que teria inclusive provocado um AVC na tia; depois do desfile no pavilhão, eles também tentaram adentrar a sede do Rio de Janeiro, e como foram proibidos, teriam vandalizado a entrada.

Os marchantes se preparavam num salão mais adentro, separado da sala de convivência do clube, e depois de consultar se seria possível entrar, fiquei por um tempo entre eles (mais ao fundo havia uma parte mais privada, acortinada, para a troca de roupas). Dois fotógrafos profissionais trabalhavam por ali na mesma hora. Foi possível constatar que vários marchantes (moças e rapazes) são tatuados. Os trajes – o que chamaríamos no Carnaval brasileiro de fantasias, mas que ali poderiam ser chamados de fardas, embora isso não deva ser tomado no sentido literal – exigiam um preparo minucioso, sobretudo as marionetas que cada marchante passaria a portar: uma pequena e frágil estrutura de madeira que sai das costas, sobre a qual se forma uma cruz que ampara quatro fios, que se juntam aos pulsos e às pontas superiores dos calçados (ver fotografias 1-3). Era preciso que as mesmas se mantivessem em seus corpos ao longo de todo o desfile, e ao mesmo tempo lhes permitissem executar todos os passos e marcações necessárias.<sup>25</sup> Tratava-se, como já dito, de uma aposta arrojada na indumentária. Isso incluía perfurar (com uma furadeira elétrica) cada calçado para a inserção dos fios.<sup>26</sup>

Havia comprado no clube duas camisas vermelhas, com os escritos “Somos Bairro Alto, somos populares”, patrocinada por uma marca de cerveja. Pedi para que cada marchante escrevesse algo na primeira, como uma nova oportunidade, ainda que fugaz, de interação com cada um: a maioria escreveu seu nome, alguns rapazes puseram o apelido entre aspas, ou alguma expressão levemente jocosa, muitos agradeceram (principalmente as moças, com saudações

25 Por uma decisão da presidência, no desfile no pavilhão as mesmas não chegaram a ser usadas. Soube depois que alguns marchantes resistiam à utilização das marionetas, pela dificuldade que causavam a certos movimentos corporais.

26 A um dado momento, houve algum problema com o sapato de uma das marchantes, com reações que levaram até à participação acalorada da mãe da mesma, em defesa da filha.



*Fotografia 1* – Marchantes do Bairro Alto em frente à sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro. (Fotografia de Heitor Frúgoli Jr.)



*Fotografia 2* – Hugo Barros (ensaiador e marchante do Bairro Alto) dá orientações antes da apresentação ao júri, na Av. Liberdade. (Fotografia de Heitor Frúgoli Jr.)



*Fotografia 3* – Marchantes do Bairro Alto se apresentam ao júri, na Av. Liberdade.  
(Fotografia de Heitor Frúgoli Jr.)

de despedida). Guardei tal camisa e vesti a segunda, mas um pouco depois fui avisado por Hugo que eu não poderia usá-la na Avenida da Liberdade.<sup>27</sup>

Uma vez prontos, os marchantes passaram a descer para a rua, permanecendo por um breve período defronte à sede (ver fotografia 1), ocasião em que principalmente frequentadores dos bares e turistas tiravam muitas fotos, seguindo depois em formação pela Travessa da Queimada até o ônibus, estacionado no Largo de São Roque. Nesse momento fui convidado por Vítor Silva, presidente do clube, para acompanhá-los no mesmo veículo, e nos dirigimos para as imediações da Praça do Marquês de Pombal, ponto de partida de todos os bairros para as marchas. Ali, providências de última hora foram tomadas, além de cada participante receber, nos rostos, cabelos e pescoços, um *spray* brilhante, cujo efeito se assemelharia à fixação de purpurina. Um momento mais delicado foi a condução dos vários arcos até o início da avenida, por causa do vento e de certos trechos com um piso difícil às pequenas rodas. Isso envolveu o trabalho de muitos marchantes e da equipe que os acompanhava, incluindo eu mesmo, que procurei auxiliar da melhor maneira possível.

Quando imaginei que, então, assistiria o desfile do “lado de fora”, fui explicitamente convidado por Silva para permanecer com a equipe que acompanharia os marchantes na própria avenida, tendo sido orientado quanto aos procedimentos durante as apresentações. Basicamente, são feitas cinco apresentações

<sup>27</sup> Isso porque – e só me dei conta disso tardiamente – eu entraria na avenida junto com a equipe de apoio, e o regulamento proíbe expressamente qualquer forma de publicidade (CML 2004, artigo 19.º).

ao longo da avenida, sendo a terceira a decisiva, onde está o júri e a TV, a iluminação mais forte, o público mais numeroso.

De um modo geral, as duas primeiras apresentações permitem uma avaliação do que pode vir a ser reformulado, dentro dos limites existentes, para a terceira. No caso, as duas primeiras performances não foram consideradas satisfatórias. Segundo o porta-estandarte Manuel, isso não é necessariamente ruim; por vezes apresentações prévias muito confiantes podem levar a um mau desempenho frente ao júri. Antes da apresentação principal, Hugo combinou com os marchantes modificações nos passos das saídas e algumas marcações (ver fotografia 2), que depois de executadas (ver fotografia 3), foram muito bem avaliadas pelos próprios marchantes, criando certa euforia entre os mesmos, que parece tê-los impregnado ao longo de toda a madrugada.<sup>28</sup>

Após as demais apresentações (a quarta e a quinta) – que devem ser também executadas com primor, ainda mais por causa da fiscalização exercida pela equipe da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural – e já a caminho do ônibus, na praça do Rossio, um dos marchantes passou mal, provavelmente por estafa, e esperou deitado junto aos demais pelo atendimento médico público, tendo depois reaparecido no clube e sido muito saudado por todos. Alguns novatos, como me contaram depois ser um costume, foram jogados no chafariz (alguns dos que jogavam também mergulhavam no mesmo). Quando a maioria voltou ao ônibus, houve certa espera até o retorno à sede do clube, onde seria servido um jantar, já de madrugada, no mesmo salão em que tinham se preparado e onde se daria a espera pelo resultado, divulgado, em geral, no início da manhã seguinte.

Nesse momento, foi possível registrar uma série de brincadeiras entre os marchantes, das quais nem Hugo foi poupado. Revela-se todo um *ethos* popular nas relações jocosas entre eles e para com outros bairros rivais, com gritos (às vezes no ouvido), tapas nas costas e empurrões (principalmente por parte dos rapazes, e por vezes nem as moças eram poupadas...), “guerra” de carochos de azeitona, estouros de saco de batatas fritas na cabeça, etc. Há claramente um estado de excitação que antecede a divulgação dos resultados. Isso se intensificou quando a TV exibiu o *replay* da apresentação do Bairro Alto, em que alguns marchantes foram brevemente entrevistados e cantaram pequenos trechos das músicas apresentadas. Aos poucos, alguns presentes mais adultos iam embora: pessoas que ajudaram a fazer o jantar, o casal de padrinhos, a maquiadora, etc. Alguns ficavam exaustos e iam dormir, principalmente na parte delimitada pelas cortinas, cuja privacidade nesse momento era relativa.

28 Foi também possível observar que, da segunda apresentação em diante, os fios das marionetes ligados aos pulsos foram mantidos, mas os dos pés, abolidos. Nos intervalos entre as apresentações, era muito comum que a plateia gritasse os nomes dos padrinhos (Vanessa Oliveira, atriz e modelo, e Nuno Ieró, apresentador de TV), ou pedisse que se aproximassem para fotos.

Um dos rapazes adormeceu tão profundamente que não acordou enquanto outros pintavam todo o seu rosto. Chamavam-no pejorativamente de cigano. Quando despertou, horas mais tarde, ficou obviamente chateado, ainda mais porque, ao que parece, os pais não sabiam da sua participação nas marchas.

Num dado momento, Hugo e mais algumas pessoas passaram a atentar para a divulgação dos resultados pela Internet, e mais tarde, também por celular. Em tais ligações, uma espécie de classificação antecipada ia aos poucos se desenhando. Inicialmente havia rumores de que o Bairro Alto poderia ficar em segundo, mas aos poucos tal classificação passou a cair, permanecendo entre o sexto e o oitavo. Por fim, o Alto do Pina, que nunca vencera antes, foi oficialmente declarado vencedor, e o Bairro Alto ficou em sétimo, para grande decepção geral. Hugo fez então uma breve avaliação dos resultados e, de um modo geral, afirmava não concordar ou compreender algumas classificações obtidas. A própria vitória do Alto do Pina, que um ano antes ficara em 15.º lugar, surpreendeu vários ali presentes. Ele também agradeceu e parabenizou a todos pelo empenho, em meio a um clima de tristeza e decepção dos marchantes, dos quais tentei me despedir enquanto começavam a ir embora, também lhes agradecendo pela partilha de toda a experiência.<sup>29</sup>

Poucos dias depois fui ao clube, e um senhor que costuma jogar baralho ali às tardes fez questão de me dizer que a vitória do Alto do Pina tinha relação com o fato de que Carlos Mendonça (que vencera diversas vezes por Alfama) havia sido seu coreógrafo: “Quando esse gajo morrer, vai concorrer e ganhar a marcha dos cemitérios...”<sup>30</sup> Conversas entre marchantes, ex-marchantes e frequentadores do clube revelavam avaliações, talvez características do período imediatamente posterior às marchas, sobre dificuldades de contar com “miúdos” do próprio bairro, as relações do clube com a comunidade local, os erros e acertos das escolhas e do estilo de trabalho do ensaiador, incluindo as tentativas de inovação: há aspectos aleatórios na hora de conceber as danças (marcações), as roupas, a coreografia, sem falar que o júri pode avaliar uma inovação de um ponto de vista bastante tradicionalista.<sup>31</sup> Sem entrar no mérito de tais ponderações, num certo sentido inevitáveis e até necessárias, é importante frisar o impacto das classificações obtidas em cada bairro envolvido com as marchas, mesmo no Bairro Alto, cujas representações de bairro popular acionadas nestas festas concorrem, como já foi frisado, com várias outras.

29 Para detalhes de notícias sobre as marchas de 2011, ver Soares e Sobral (2011).

30 O coreógrafo Carlos Mendonça venceu, a partir de 1990, treze vezes por Alfama e uma pelo Alto do Pina (ver Padrão 2008; Soares e Sobral 2011; Chambel 2012). No ano seguinte, voltou a ser vitorioso com o mesmo bairro (ver *Público*, 2012).

31 Como me relatou a antropóloga Graça Cordeiro, certo ano a Bica concorrera com um tema muito original, mas cuja condução dos arcos na avenida fora muito dificultada; no ano seguinte, com um tema bem mais despojado, foram vencedores.

No ano seguinte (2012), o Bairro Alto obteve o quarto lugar (ver *Público* 2012), com certa retomada de colocações obtidas nos anos anteriores, desta vez com novos ensaiadores (Dino Carvalho e Carla Fonseca; ver *Diário de Notícias* 2012) e, pelo que constatei numa breve visita em 2013, por uma relativa renovação dos marchantes, com “miúdos” que têm de aprender e que podem às vezes ser indisciplinados, mas que não teriam certos “vícios” dos mais velhos. Nas marchas populares de junho de 2013, o Bairro Alto obteve, com o tema “O Bairro Alto quinhentista, do jornal e do artista”,<sup>32</sup> a quinta colocação, tendo Alfama voltado a vencer (desta vez sem o coreógrafo Carlos Mendonça), e o Alto do Pina obtido o 2.º lugar (ver Banha 2013a, 2013b; *Público* 2013; *Diário de Notícias* 2013).

#### BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa primeira aproximação do que foi até aqui delineado, é preciso retomar a ideia de que há recortes variados, com distintas escalas, que permitem situar etnograficamente um bairro. No presente texto busquei reconstituir um deles, num plano que se relaciona principalmente com a capacidade organizativa do Lisboa Clube Rio de Janeiro e também com o tipo de visibilidade obtida numa dimensão ritual, o que resulta numa representação específica – em que o “bairro” se apresenta à cidade e se representa a si mesmo – em relação a outras. A visibilidade do Bairro Alto em Lisboa se constrói, entretanto, em muitos planos, e as dimensões aqui pesquisadas talvez nem constituam a mais evidente, ainda que incorporem pessoas e questões que também estão presentes em outros contextos e situações etnografadas. Como já dito, o contato com o Sr. Nelson permitiu-me aprofundar o conhecimento de relações no Bairro Alto, bem como daquelas ligadas à organização local das marchas. As andanças e relações intensas e regulares estabelecidas por ele possibilitaram-me relativizar certa separação entre os mundos do dia e da noite, tão acionada durante a pesquisa. Evidentemente, outras pessoas não abordadas nesse texto também fazem certas mediações entre tais esferas, como moradoras mais idosas que trabalham de dia na limpeza de bares ou instituições culturais locais, ou que vendem pequenos produtos nas ruas, além de comerciantes que também são moradores dali, com negócios que por vezes atravessam gerações (alterando, ao longo do tempo, os apelos e públicos frequentadores), ou mesmo de bares ou tascas que se valem tanto do movimento diurno quanto noturno.

Com base no que foi possível reconstituir nesse artigo, outro aspecto a merecer desdobramento seria uma compreensão mais detida de como os organizadores da marcha do Bairro Alto contornam certa dificuldade em contar com participantes

32 O próprio imaginário de uma vida noturna de longa data constitui, como bem me observou um marchante, uma fonte inesgotável de inspiração dos temas das marchas do Bairro Alto.

mais ligados à vida local em termos residenciais, através da formação de redes ampliadas, que envolvem o campo de relações dos próprios marchantes, e que abarcam pessoas com relações muito variadas com o bairro ou com as marchas. Num certo sentido, “ser do bairro” pode também adquirir um caráter situacional. Após os festejos de junho, cheguei a encontrar vários participantes em bares e ruas do Bairro Alto (sobretudo no Tacão Grande, já mencionado) e arredores. Embora haja alguns que são moradores locais e se queixem dos problemas da vida noturna (e frequentemente sobretudo o Lisboa Clube Rio de Janeiro), pode-se constatar que outros tantos também tomam parte dessa própria vida boêmia.

Não há como avaliar os impactos mais abrangentes das marchas populares nas representações e no cotidiano local dos vários bairros lisboetas envolvidos nas mesmas, mas é possível fazer ponderações a partir dos estudos já existentes e do campo de observação já configurado. Sabe-se que as festas constituem um momento propício para que o bairro da Bica, por exemplo, ganhe maior visibilidade em Lisboa (Cordeiro 1997), e isso é claramente constatável no modo como muitas casas se enfeitam durante junho, além da promoção de arraiais, shows musicais, bailaricos, etc. Como certa vez me disse o gerente de um restaurante do Bairro Alto, é uma época em que “a Bica fica assanhada”. Certa noite, após assistir a um dos ensaios do Bairro Alto, dirigi-me aos arraiais da Bica (próxima à Igreja de Santa Catarina) e constatei pessoalmente tal dinamismo. No Bairro Alto, por sua vez, não há marcas significativas das festas dos santos nas casas e edifícios, com exceção do entorno do clube Rio de Janeiro, nem arraiais populares, muito provavelmente por causa do modo como os bares e restaurantes pautam de forma avassaladora o uso dos espaços à noite, além das dificuldades em organizar a população local e mesmo a ausência de espaços abertos na morfologia urbanística do bairro.

Talvez Alfama, não observada diretamente, mas bastante mencionada ao longo das minhas interações, constitua um bairro que extrai o maior rendimento simbólico das marchas populares, ainda que de certa forma isso não signifique que a população local tenha plena autonomia em lhe atribuir determinadas representações (Costa 1999, 2002). Isso sem falar que a procissão de Santo António (como visto, o santo padroeiro mais importante de Lisboa) ocorre anualmente em seus limites, o que não deixa de ser outra modalidade ou forma significativa de tal bairro apresentar-se e representar-se a si mesmo para toda a cidade.

De toda forma, pode-se dizer que nesse imaginário festivo, do qual o Bairro Alto faz parte com peculiaridades, realmente haveria certa dificuldade em firmar-se como um bairro popular (no sentido português ou lisboeta), dado o predomínio de usos variados que o abrem significativamente para a cidade (e a locais bem mais amplos que Lisboa), intensificando-lhe uma marca noturna e boêmia quase indelével.

Embora seja difícil abranger tudo o que está em jogo durante as marchas populares – como a visibilidade de cada bairro na cidade, a força e potencial de

coesão de suas respectivas associações coletivas, a capacidade de aglutinar participantes que se comprometam com um cronograma extenuante de ensaios, a atualização estratégica de diversas representações populares e históricas, as especificidades situacionais que definem porque e por quem torcer –, pode-se falar numa espécie de rentabilidade simbólica decorrente de diversas modalidades de bairrismo, que definem hierarquias de prestígio.

Na presente pesquisa, foi possível ver mais de perto como tais aspectos reverberam de forma específica no Bairro Alto. Embora as práticas ligadas à preparação e desempenho nas marchas populares reforcem certa legitimidade quanto a morar ou a pertencer a um bairro, e com isso ampliem a visibilidade de uma dimensão local em conflito com muito daquilo que a vida noturna acarreta, as vivências concretas reconstituídas nesse artigo – baseadas em redes de relações, sociabilidades e pertencimentos abrangentes e alargados – embaralham e complexificam esses contrapontos entre vida local e boêmia.

## BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel, 1999, *L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris, Editions des Archives Contemporaines.
- ALMEIDA, Miguel Vale de, 2000, *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa, Fim de Século (2.<sup>a</sup> edição).
- AUTHIER, Jean-Yves, Marie-Hélène BACQUE, e France GUERIN-PACE (orgs.), 2006, *Le Quartier: Enjeux scientifiques, action politiques et pratiques sociales*. Paris, La Découverte.
- BANHA, Inês, 2013a, “Lembrar os jornais e os artistas aos 500 anos”, *Diário de Notícias*, 07 de junho, disponível em <[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=3261467&seccao=Sul](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3261467&seccao=Sul)> (último acesso em fevereiro de 2014).
- BANHA, Inês, 2013b, “O que é normal é Alfama ganhar o concurso das marchas”, *Diário de Notícias*, 14 de junho, disponível em <[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=3267675](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3267675)> (acesso em fevereiro de 2014).
- CARITA, Hélder, 1994, *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- CARITA, Hélder, 2006, “A Igreja, a Rua Larga e o Bairro Alto de São Roque”, em Maria Helena Oliveira (org.), *Património Arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa/Museu São Roque, 18-35.
- CARVALHO, Ruben de, 1991, “A vertente política e a vertente popular das festas de Lisboa”, em Ruben de Carvalho *et al.*, *Festas de Lisboa: Relatório da Comissão Consultiva das Festas de Lisboa de 1990*. Lisboa, Livros Horizonte, 26-55.
- CARVALHO, Ruben de, *et al.*, 1991, *Festas de Lisboa: Relatório da Comissão Consultiva das Festas de Lisboa de 1990*. Lisboa, Livros Horizonte.

- CHAMBEL, Rogério, 2012, “Menos 66 mil euros para as marchas”, *Correio da Manhã*, 17 de janeiro, disponível em <<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/cultura/menos-66-mil-para-as-marchas>> (último acesso em fevereiro de 2014).
- CML, 2004, “Regulamento do Concurso das Marchas Populares de Lisboa (Despacho n.º 90/P/2004, com alterações introduzidas pelo Despacho n.º 130/P/2004)”, 1 de abril, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, disponível em <[http://atendimentovirtual.cm-lisboa.pt/Documents/Regulamentos\\_aprovadosOff/Reg12\\_038.html](http://atendimentovirtual.cm-lisboa.pt/Documents/Regulamentos_aprovadosOff/Reg12_038.html)> (último acesso em fevereiro de 2014).
- CORDEIRO, Graça Índias, 1997, *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Lisboa, Dom Quixote.
- CORDEIRO, Graça Índias, 2001, “Trabalhos e profissões no imaginário de uma cidade: sobre os ‘tipos populares’ de Lisboa”, *Etnográfica*, V (1): 7-24.
- CORDEIRO, Graça Índias, 2003, “Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca”, *Sociologia*, XIII: 185-199.
- CORDEIRO, Graça Índias, e António Firmino da COSTA, 1999, “Bairros; contexto e intersecção”, em Gilberto Velho (org.), *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 58-79.
- COSTA, António Firmino da, 1991, “O ritual das marchas populares nas festas de Lisboa”, em Ruben de Carvalho *et al.*, *Festas de Lisboa: Relatório da Comissão Consultiva das Festas de Lisboa de 1990*. Lisboa, Livros Horizonte, 56-65.
- COSTA, António Firmino da, 1999, *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras, Celta.
- COSTA, António Firmino da, 2002, “Identidades culturais urbanas em época de globalização”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 48 (17): 15-30.
- COSTA, António F., Joaquim Pais de BRITO, e Vitor M. FERREIRA, 1994, “Mesa-redonda sobre a cidade de Lisboa”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15: 155-174.
- COSTA, Tiago B., e Nuno F. SANTOS, 2011, “Festas: animar Lisboa para além dos arraiais e das marchas”, *Público*, 05 de junho, pp. 10-11.
- DAMATTA, Roberto, 1978, *Carnavais, Malandros e Heróis: Para Uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2012, “Um bairro de fidalgos que se inspirou na corte portuguesa”, 14 de maio, disponível em <[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=2516379&seccao=Sul](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2516379&seccao=Sul)> (último acesso em fevereiro de 2014).
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2013, “Lista completa da classificação”, 13 de junho, disponível em <[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=3267109&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3267109&page=-1)> (último acesso em fevereiro de 2014).
- DIAS, Marina T., 1994, *Lisboa Desaparecida*, vol. IV. Coimbra, Quimera (3.ª edição).
- EGEAC, 2008, *Festas de Lisboa 2008: Marchas Populares de Lisboa*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural.
- EGEAC, 2011a, *Festas de Lisboa, 11: Em Junho, Lisboa Está em Festa!* Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural.
- EGEAC, 2011b, *Festas de Lisboa, 11: Marchas Populares, Revista 2011*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural.
- FRÚGOLI JR., Heitor, 2009, “A cidade no diálogo entre disciplinas”, em Carlos Fortuna e Rogério P. Leite (orgs.), *Plural de Cidade: Léxicos e Culturas Urbanas*. Coimbra, Almedina, 53-67.

- FRÚGOLI JR., Heitor, 2013, “Relações entre múltiplas redes no Bairro Alto (Lisboa)”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 82 (28): 17-30.
- NUNES, João P.S., 2012, “‘Jouer son atout’: figuration et sociabilité de rue dans une banlieue de Lisbonne”, *Espaces et Sociétés*, 148-149: 159-176.
- PADRÃO, Isaltina, 2008, “Bastidores das marchas estão cheios de talento”, *Diário de Notícias*, 11 de junho, pp. 24-25.
- PAIS, José M., 2008 [1985], *A Prostituição e a Lisboa Boémia: Do Século XIX a Inícios do Século XX*. Porto, Âmbar.
- PÚBLICO, 2011, “Centenas juntaram-se num arranque diferente das festas da cidade”, 02 de junho, p. 26.
- PÚBLICO, 2012, “Alto do Pina vence Marchas Populares de Lisboa”, 13 de junho, disponível em <<http://www.publico.pt/local/noticia/alto-do-pina-vence-marchas-populares-de-lisboa-1550114>> (último acesso em fevereiro de 2014).
- PÚBLICO, 2013, “Alfama venceu as marchas populares”, 13 de junho, disponível em <<http://www.publico.pt/local/noticia/o-bairro-alfama-venceu-as-marchas-populares-seguido-do-alto-do-pina-e-da-bica-1597234>> (último acesso em fevereiro de 2014).
- SOARES, Marisa, e Cláudia SOBRAL, 2011, “Alto do Pina conseguiu sua primeira vitória na Avenida”, *Público*, 14 de junho, pp. 22-23.
- SOARES, Marisa, e Tiago B. COSTA, 2011, “Uma noite em que a cidade foi o palco”, *Público*, 03 de junho, p. 30.
- VIDAL, Frédéric, 2009, “A mobilidade residencial como objeto da história urbana: registos, práticas e interpretações”, em Renato M. do Carmo e José A. Simões (orgs.), *A Produção das Mobilidades: Redes, Espacialidades e Trajectos*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 57-69.

## FILMOGRAFIA

- FIRMINO, Sílvia, 2005, *Gosto de Ti como És*, Lisboa, Laranja Azul/EGEAC.